

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

As grandes navegações e os impactos internos em Portugal

Lélio Luiz de Oliveira*

Resumo: A História de Portugal, referente ao período moderno, é em grande parte tratada de dentro para fora, ou seja, a importância do reino português na história do mundo e da necessidade da política colonial pela ação "civilizadora" e doutrinária. Em contrapartida, nosso objetivo é demonstrar o impacto econômico das grandes navegações no contexto interno de Portugal - séc. XVI - irradiado especialmente por Lisboa, ressaltando as ações da população que no período fundou alicerces cada vez mais profundos voltados para dentro do reino, como reflexo dos impactos dos descobrimentos marítimos.

Palavras-chave: História de Portugal, grandes navegações, cotidiano econômico interno.

Abstract: Portugal's History, regarding the modern period, is cared largely for inside outside, in other words, the importance of the Portuguese kingdom in the history of the world and of the need to colonial politics by the "civilizing" and doctrinaire action. As opposed, our objective is to demonstrate the economic impact of the big navigations in Portugal's internal context - XVI CENTURY - broadcast especially for Lisbon, stressing the actions of the population that in the period founded foundations more and more geared profound into of the kingdom, like reflex of the impacts of the marine discoveries.

Key -Works: History of Portugal, big navigations, economic internal everyday.

A História de Portugal, geralmente, é tratada de dentro para fora - *O Portugal dos Impérios* (BOXER, 1981) ou "O mundo que o português criou" (FREYRE, 1940) -, a despeito de trabalhos sobre novos temas e problemas internos.

A historiografia sobre Portugal, referente a História Moderna, é ampla no que tange ao tema "*Expansão e Descobrimientos*", principalmente produzida no tempo do regime Salazarista, quando vigoravam as práticas colonialistas, relegando outros temas, como o cotidiano no território continental (ARRUDA & TENGARRINHA, 1999: 111-2).

O incentivo governamental, na época da ditadura, por um lado restringiu em Portugal o acompanhamento do caminho trilhado pelas Ciências Sociais, no que tange às

*Doutor em História pela USP-FFLCH. Professor de História Moderna – Departamento de História – UNESP-Universidade Estadual Paulista – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca.

inovações metodológicas e teóricas em curso, principalmente nas academias francesas, inglesas e norte-americanas. Por outro lado, facilitou a organização e divulgação de importantes fontes documentais, entre outras: *Archivo Histórico Portuguez*, *Monumenta Henricina*, *Monumenta Missionária Africana*, *Monumenta Indica*.

Autores perseguidos pela ditadura, tiraram proveito, em parte, da catalogação das fontes primárias e cunharam obras fundamentais sobre os *descobrimientos portugueses*. Fizeram parte desta leva Duarte Leite (1931, 1958), Jaime Cortesão (1944, 1960, 1965, 1967, 1968, 1993) e Vitorino Magalhães Godinho (1947, 1962, 1981), acompanhados pelo historiador inglês Charles Boxer (1981), cujas obras incomodaram o regime, notadamente quando tratava sobre as formas da escravidão no império.

Dentro deste contexto, ao propor uma pesquisa sobre a história portuguesa devemos ficar atentos, com críticas, a algumas obras de grande vulto (HERCULADO, 1916; ALMEIDA, 1925; AMEAL, 1942; MEDINA, s/d; PERES, s/d; SERRÃO, 1979) onde couberam inúmeras informações, sempre questionáveis como todo trabalho da nossa área de estudo, que queiramos ou não, nos servem de bons suportes. Cabe aqui ressaltar, especialmente, os estudos de José Mattoso (1993), além de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (1998) e equipes. Neste sentido, corrobora Vitorino Magalhães Godinho (s/d:291), ao afirmar:

não pode[mos] descurar também a inspiração que decorre da obra de alguns dos [nossos] pesquisadores, e bem condenável seria que não se insuflassem com a leitura atenta, criticamente reflectida, de Sérgio, Jaime Cortesão, Duarte Leite, mais atrás Costa Lobo e Alberto Sampaio; e até não despre[zar] a lição erudita de um Gama Barros e de um David Lopes.

Após a *Revolução dos Cravos*, os historiadores tiveram a liberdade de partir para novas temáticas. No entanto, o fizeram enfrentando as próprias *contradições*. Primeiro, revivendo *[o triunfo] até, de fora de portas, mas a sua dispersão a todos os ventos é uma constante fuga aos problemas internos* (grifo nosso) *que nunca enfrenta com decisão e pertinácia*. (GODINHO, s/d:7).

Em seguida, passando a trilhar novos caminhos, diante dos diagnósticos e carências expostas por Joaquim Magalhães (1970:37):

Os estudos de história portuguesa têm-se ocupado predominantemente com os aspectos políticos do passado desprezando, ou deixando na sombra, as condições

económicas que, não poucas vezes, o explicam. Investigações novas, e rumos diversos têm porém marcado este nosso século.

Assim sendo, os senhores da História ladrilharam "novas perspectivas para a História Moderna", inclusive de cunho monográfico, sintetizadas por Arruda e Tengarrinha (1999:123-133), algumas aqui exemplificadas: "problemas rurais e da renda agrícola, estrutura da sociedade, e instituições e poder político", por António de Oliveira, Aurélio de Oliveira, António Manuel Hespanha, Martim de Albuquerque, Luís Reis Tugal e Nuno Gonçalo Monteiro. "Uma outra linha de estudos que, no âmbito da História Moderna, tomou considerável desenvolvimento desde a segunda metade da década de 80 [séc. XX] foi a 'inquisição', [além de outros] caminhos inovadores, sobretudo na perspectiva 'ideológico-cultural' ", pela lavra de António José Saraiva e J.S. da Silva Dias. Somando aos autores sobre a inquisição, acima citados, cabe mencionar a pesquisadora Anita Novinsky (ARRUDA, 1999:127).

Sem prejuízo para a academia, autores reconhecidos revisitaram os "Descobrimentos e a Expansão Ultramarina", tratando da "economia mundial, a náutica e a ciência dos Descobrimentos, a cultura e a literatura da Expansão em si mesmas e no contexto do Renascimento Europeu" Destacam-se historiadores de ofício, da estirpe de Vitorino Magalhães Godinho, António Borges Coelho, Luís de Albuquerque) e Joaquim Barradas de Carvalho, para exemplificar (ARRUDA, 1999:129)..

Nos estudos mais divulgados sobre *as grandes navegações* (TEYSSIER, 2001:42) *e a expansão do reino lusitano* -, é extremamente comum encontrarmos razões para a partida dos portugueses a caminho de novas terras: "a procura de melhores condições de vida explica a saída de indivíduos das suas terras de origem para as cidades e outros pontos do império" (RODRIGUES, s/d: 235). Outros motivos são bastante declarados sobre a mobilidade populacional (SERRÃO, s/d:364): "(...) a atração pelas riquezas previsíveis, o desejo de fama, a vontade de poder, do medo do desconhecido, a atração pelo ignoto, o espírito de aventura, o serviço da fé" (ARRUDA, 2001:15).

Em contrapartida, mais recentemente há historiadores, especialmente do *cotidiano* que, quando tratam do mesmo período, narram sobre o "imaginário popular em relação ao mar Tenebroso", tanto quanto as condições populacionais (SAUNDERS, 1982), quanto das resistências para enfrentar o mundo desconhecido.

(...) havia ainda outro obstáculo, representado pela escassez de homens adultos disponíveis para embarcar, e pela resistência que estes apresentavam em relação ao trabalho no mar. Eram de amplo conhecimento os maus tratos, as brutalidades e as privações impostas a bordo dos navios. No século XV, apesar da fome e da violência serem constantes no cotidiano dos desocupados da metrópole, a vida a bordo das caravelas, além de extremamente perigosa, não constituía atrativo nem oferecia qualquer tipo de compensação. (RAMOS, 2000:36-7).

Outras pesquisas trilharam caminhos elaborando estudos relativos à questão temporal (ARAÚJO, 1980), aos costumes, ao cotidiano e a demografia, enfatizando os impactos dos descobrimentos, especialmente para o caso de Lisboa. A obra intitulada “O cotidiano na Lisboa dos Descobrimentos” de Rodrigo Banha da Silva e Paulo Guinote (1998), que tem como “objetivo principal (...) a apresentação e enquadramento de um conjunto de fontes, importantes para o melhor conhecimento do cotidiano lisboeta na época das Grandes Descobertas, mas que nem sempre é suficientemente lembrado e utilizado. [São] as fontes materiais que faziam parte integrante das rotinas diárias dos homens, mulheres e crianças de então, dos objetos comuns a que todos recorriam para realização das suas tarefas quotidianas e satisfação das suas necessidades diárias de alimentação, iluminação, etc.”. Os livros coordenados por Irisalva Moita (1983, 1994) , “Lisboa quinhentista” e “O livro de Lisboa”, juntamente com a obra de Dejanirah Couto (s/d) – “História de Lisboa” - sintetizam novos estudos sobre a cidade, contribuindo com referências sobre as fontes de pesquisa. Dentro do mesmo espírito de inovação Renata de Araújo (1990) lançou “Lisboa – a cidade e o espetáculo na época dos descobrimentos”, afirmando que “a cidade, mais tensa e mais densa, era palco de espetáculos de se ver e de se viver. (...) Em média faziam-se pelo menos três procissões por mês, o que nos permite ver um percurso repetido do espaço urbano, pelo elo de coesão máximo dos seus habitantes – a crença.” Alfredo Saramago (2004) enveredou pela história da alimentação na cidade de Lisboa e seu termo, enquanto que Teresa Rodrigues (1990), utilizando de dados demográficos desvendou as “Crises de mortalidade em Lisboa - séculos XVI e XVII”.

Depois de caminhar brevemente pela historiografia, é hora de apresentarmos nossa proposta, visando o avanço dos estudos com uma nova contribuição. Com o

desenvolvimento deste projeto pretendemos desvendar as razões da permanência da parte da população que sofre da relutância em partir, das razões do ficar e do apego a terra (RAU, 1965), dos vínculos às tradições e à cultura, em um momento histórico em que, segundo a maioria dos estudiosos do período, os impulsos são fortes para partir na busca de novos destinos.

Desta forma, é necessário ressaltar que a população portuguesa fundou alicerces profundos de uma vida também *voltada para dentro*, que carece de constantes e novos estudos. Contrapor aos estudos já alicerçados, sem, é claro, desconsiderar a importância da "*Expansão*", que tanto refletiu nos processos internos.

Assim sendo, nosso objetivo maior desta pesquisa, que está em andamento, é qualificar a população, que manteve seus vínculos profundos com a terra portuguesa, não arredando pé dos seus lugares, em um contexto favorável à emigração. Desvendar as razões para permanecer e para restabelecer cotidianamente a rotina. Como não se deixar atrair pelo mundo das mudanças. Para tanto é preciso desvendar quem eram esses portugueses (NOVAIS, 1997:17). Caracterizá-los é premente: viviam no espaço urbano ou rural, as idades e os sexos, as profissões e afazeres, suas ordens religiosas, enfim, onde se situavam na hierarquia social? O mais importante, como manifestavam o apego ao lugar de origem?

Nossa hipótese é de que, se por um lado havia incentivos para deixar o reino português, ao mesmo tempo heranças muito fortes, solidamente construídas, advindas de um tempo distante, influenciadas, entre outros fatores, por laços de parentesco, apegos religiosos, fatores históricos como a *reconquista*, a defesa do território favorável à sobrevivência cotidiana e tradicional, fez com que a rotina e a segurança vencesse a aventura. As conseqüências da *Expansão Marítima*, logicamente, causaram também resultados internos. Não provocou somente transformações, mas, fortaleceu permanências e continuidades, no confronto dialético entre a "*transformação progressiva*" - em muitos casos destruidora das antigas estruturas - e "*a implacável tragédia da permanência histórica*" (MAYER, 1987:14) - senhora do "*hábito - [ou] melhor, [d]a rotina -(...) [dos] gestos herdados, acumulados a esmo, repetidos infinitamente, (...) [que] remontam ao mais fundo dos tempos.*"(BRAUDEL, 1987:20; 1996).

Sustentaremos a posição de que a *expansão marítima* promoveu a retroalimentação dos setores destinados ao abastecimento interno e ao fornecimento das exportações, acomodando as populações em seus lugares. Com isso as velhas forças não foram destruídas, pelo contrário, foram beneficiadas. Partiremos do princípio de que o processo impactante da *expansão portuguesa* passa, aos olhos do historiador, pelo conceito de

tempo histórico diluído em durações longas, conjunturais ou factuais (BRAUDEL, 1965:261-94), e pela predominância da análise no nível da *"vida material - uma parte da vida dos homens, tão profundamente inventores [e aventureiros (frase nossa)] quanto rotineiros."* (BRAUDEL, 1987:20).

Para tanto, limitaremos nossa pesquisa no sentido espacial à região de Lisboa (Cascais, Almada, Ribatejo, Sesimbra e Setúbal), dentro do período que compreende o século XVI. As *balizas temporais* foram escolhidas por constituir um período de transição, em que houve uma reacomodação das estruturas econômicas, populacionais e culturais, na região em estudo.

Com os descobrimentos e a expansão comercial, Lisboa passou a ser um centro, ao mesmo tempo, de atração de pessoas e de fornecimento de emigrantes (MAURO, 1989). *"Desta forma no século XVI português continua a existir apenas um pólo de atração, que é Lisboa. A sua influência estende-se até Coimbra, a norte, e compreende a vastidão das planícies alentejanas."* (HESPANHA, 1986:77). Daí nosso grande interesse pelo cotidiano econômico de Lisboa e arredores, em especial da população que não se vinculou ou pouco se ateu ao movimento dos *Descobrimentos*.

"Suponhamos o estudo da regionalização econômico social (...), com vista ao planeamento da acção transformadora das estruturas básicas (grifo nosso). Não só há que recapitular todas as divisões que através da história se têm manifestado, como ainda é imprescindível analisar o comportamento das várias zonas através do tempo do ponto de vista de certos indicadores escolhidos como mais significativos - variações demográficas, variações do equipamentos de base, variações do rendimento, da concentração fundiária, da repartição sectorial da população ativa, etc. E isto ao longo de umas décadas. Apenas depois se conseguem determinar as regiões homogêneas segundo a dinâmica do desenvolvimento (grifo nosso).(...)." (GODINHO, s/d:22).

Nossa base documental é composta por fundos depositados e arranjados nos Arquivos Públicos, como a Torre do Tombo (e outros arquivos distritais) e a Biblioteca Nacional de Lisboa. Também será consultado a Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, o acervo do *Real Gabinete Português de Leitura*, situado no Rio de Janeiro, e as obras da *Cátedra Jaime Cortesão*, órgão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH - da Universidade de São Paulo – USP.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Fortunato. *História de Portugal*. Coimbra, Editor Fortunato de Almeida, 1925.
- AMEAL, João. *História de Portugal*. 2.ed., Porto: Livraria Tavares Martins, 1942.
- ARAÚJO, Carlos. *Lisboa e os descobrimentos*. 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses. Lisboa: Terramar, 1980.
- ARAÚJO, Renata de. *Lisboa: a cidade e o espetáculo na época dos descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. As novas perspectivas da História Moderna. In: _____. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ARRUDA, José Jobson. Prismas da História de Portugal. Prefácio. *História de Portugal*. 2.ed., rev. e ampl., Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001.
- BOXER, C. R. *O império colonial português (1415-1825)*. Trad. Inês Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. *Revista de História*, São Paulo, v.30, n.62, p.261-94, abr./jun., 1965.
- _____. *A dinâmica do capitalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 3v.
- COUTO, Dejanirah. *História de Lisboa*. Lisboa: Gótica, [s.d.].
- DIAS, João José Alves (coord.). *Nova História de Portugal*. Portugal. Do renascimento à crise dinástica. Lisboa: Editorial Presença, 1999. v.5.
- FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. (Coleção Documentos Brasileiros, v.28).
- GODINHO, Vitorino Magalhães. *História econômica e social da expansão portuguesa*. Lisboa: Terra-Editora, 1947;
- _____. *A economia dos descobrimentos henriquinos*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1962;
- _____. *Descobrimientos e a economia mundial*. 2.ed. Lisboa: Presença, 1981.
- _____. Os novos problemas: para a História de Portugal e Brasil. In: CHAVES, Maria Adelaide Godinho Arala. Prefácio. *Formas de pensamento em Portugal no século XV*.

Esboço de análise a partir de representações de paisagem nas fontes literárias. Lisboa: Livros Horizonte, [s/d].

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal: desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso II*. 7.ed. Paris; Lisboa: Aillaud & Bertrand. 1916.

HESPANHA, António Manuel. *As vésperas do Leviathan. Instituições e poder político em Portugal. Século XVII*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1986.

_____. *Poder e instituições no Antigo Regime: guia de estudo*. Lisboa: Cosmos, 1992.

HESPANHA, António Manuel. O debate acerca do "Estado Moderno". In: TENGARRINHA, José. (Coord.). *A historiografia portuguesa hoje*. São Paulo: Hucitec, 1999. (Estudos Históricos, 40).

MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero. *Algarve econômico durante o século XVI - 1600-1773*. Lisboa: Cosmos, 1970.

MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a permanência do Antigo Regime, 1848-1914*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico, 1570-1670*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

MEDINA, João (Dir.) *História de Portugal*. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Ediclube, Edição e Promoção do Livro, [s/d].

MOITA, IRISALVA (org.). *Lisboa quinhentista*. A imagem e a vida da cidade. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1983.

_____. *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: _____. (coord.) *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.1

NOVINSKY, Anita. Confessa ou morre: o conceito de confissão na Inquisição Portuguesa. *Revista transdisciplinar luso-francesa*, Paris, n.5, p.77-86, 2000.

OLIVEIRA, Aurélio. *A renda agrícola em Portugal durante o Antigo Regime, séculos XVII e XVIII: alguns aspectos e problemas*. Lisboa, [s/n], 1980.

PERES, Damião (direcção literária). *História de Portugal*. Lisboa: Portucalense Editora, [s/d].

RAMOS, Fábio Pestana. *Náufragos e obstáculos enfrentados pelas armadas da Índia portuguesa: 1497-1653*. São Paulo: Humanitas, 2000.

RAU, Virgínia. A grande exploração agrária em Portugal a partir dos fins da Idade Média. *Revista de História*, São Paulo, FFCL-USP, v.30, n.61, ano 16, 1965.

RODRIGUES, Teresa. *Crises de mortalidade em Lisboa*. Séculos XVI e XVII. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

RODRIGUES, Teresa Ferreira. As estruturas populacionais. A mobilidade geográfica. A imigração. In: MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. Editorial Estampa, s/d. v.3.

SARAMAGO, Alfredo. *Para uma história da alimentação de Lisboa e seu termo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

SAUNDERS, A.C. de C.M. *História dos Escravos e libertos negros em Portugal (1441-1555)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. (Temas Portugueses).

_____. *Inquisição e cristãos-novos*. Porto: Inova, 1969.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 1979.

SERRÃO, Joel (dir.). Emigração. In: *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, s/d. v.2.

SERRÃO, Joel; OLIVEIRA MARQUES, A.H. (Dir.) *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1998. v.5.

SILVA, Rodrigo Banha da Silva; GUINOTE, Paulo. *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objetos*. Lisboa: Grupo de Trabalho para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1998.

TENGARRINHA, José Manuel. A historiografia portuguesa pós-74. In: ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: Edusc, 1999. (Coleção História).

TEYSSIER, Paul. Os descobrimentos e a expansão ultramarina. In: *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.